A ABERTURA DO EVANGELHO SEGUNDO MARCOS (CAPÍTULO 1, VERSÍCULO 1) NO CODICE CRECO DA PUBLICATICA NACIONAL DO PIO DE JANEIRO

1) NO CÓDICE GREGO DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Paulo José Benício (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

"Si qua tamen tibi lecturo pars oblita derit, haec erit e lacrimis facta litura meis: aut si qua incerto fallet te littera tractu, signa meae dextrae iam morientis erunt".

"Se, quando leres esta carta, alguma parte tiver desaparecido, terão sido minhas lágrimas que apagaram; se não conseguires ler alguma letra de traçado incerto, serão

sinais de minha mão que já desfalece".

(Propércio, Carta de Aretusa a Licota, Elegias IV, 3)

RESUMO

O mais antigo manuscrito da América Latina, em posse da Biblioteca Nacional do Rio

de Janeiro, é um códice em pergaminho, escrito em minúsculas gregas e contendo os

quatro evangelhos. O objetivo deste artigo consiste em, à luz da tradição manuscrita do

Novo Testamento grego, analisar a autenticidade da variante textual referente ao início

do Evangelho segundo Marcos (capítulo 1, versículo 1), da forma como este documento

a evidencia.

Palavras-chave: manuscritos gregos, o Evangelho segundo Marcos 1,1, variantes

textuais, o filho de Deus.

The opening verse of the Gospel according to Mark (chapter 1, verse 1) in the

Greek codex of the Rio de Janeiro National Library

Monergismo.com – "Ao Senhor pertence a salvação" (Jonas 2:9) www.monergismo.com

ABSTRACT

The most ancient manuscript of Latin America belongs to the Rio de Janeiro National

Library. It is a twelfth-century parchment codex, written in Greek minuscules, which

contains the four gospels. The author of this article, in the light of the

manuscriptological tradition of the Greek New Testament, aims to assess the

authenticity of the variant reading of the Gospel according to Mark (chapter 1, verse 1)

supported by this document.

Key words: Greek manuscripts, the Gospel according to Mark 1,1, variant readings, the

Son of God.

Em Marcos, capítulo 1, verso 1, onde se lê: arch. tou/eunggelipu llhsou/Cristou/

uiou/ (toul/ qeou/ princípio do evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus, existe um

problema de corrupção textual. Por um lado, a expressão uiou/(tou/ geou/ filho de Deus

não aparece na leitura original do documento a* (álefe)¹ e em parte dos códices

(manuscritos geralmente antigos em forma de livro) representantes do tipo de texto

(nomenclatura aplicada aos textos que reúnem características semelhantes)

denominado cesarense (disseminado em Cesaréia por Orígenes).²

Por outro, encontra-se em maiúsculos (manuscritos redigidos em letras maiúsculas)

considerados de grande valor na restauração do Novo Testamento,³ como também na

esmagadora maioria das fontes documentais gregas mais recentes.⁴

O códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (pergaminho em

minúsculas, datado do século XII e que contém os evangelhos, com exceção de Mateus

1,1-17) ao lado do maiúsculo A, das famílias (grupos de manuscritos com íntima

semelhança textual) 1 e 13 e do minúsculo (manuscrito redigido em letras minúsculas)

¹ Alude-se ao maiúsculo *Sinaítico* (século IV), na sua leitura original. Cf. Na²⁷, 1993, p. 88.

² Refere-se ao maiúsculo Q - Korideto (século IX) e ao minúsculo 28 (século XI). Cf. Na²⁷, 1993, p. 88.

³ Reporta-se a a la (Sinaítico, na sua primeira correção), **B** (Vaticano-século IV), **L** (Regius-século VIII), **D** (Beza-século V) e W (Washingtoniano-século V). Cf. Na²⁷, 1993, p. 88.

Esses documentos (em minúsculas) são datados entre os séculos IX e XV.

33,5 além de trazer *uiou/ qeou/* ainda inclui, na expressão, o artigo *tou/(uiou/ tou/ qeou/*

filho de Deus). Essa inserção, que não se reputa fazer diferença significativa ao título

em estudo, pode ter sido influenciada pelo emprego do artigo em outras declarações

respeitantes à intitulação de Jesus como filho de Deus (cf. Marcos 1,11; 3,11.12; 5,7;

9,7; 14,61).

Diante da incontestável evidência manuscritológica (não obstante se esteja

restringindo as pesquisas deste trabalho tão-somente aos códices maiúsculos e

minúsculos já mencionados) em defesa da leitura uiou/(tou)/ qeou/ faz-se necessário

trazer à tona alguns esclarecimentos sobre a sua ausência em a*, Q (theta) e 28.

Um bom número de peritos afirma que o copista pode ter cometido um tipo de

erro involuntário, cognominado parablepse - isto é: seus olhos devem ter saltado do

ditongo ou/ no final de Cristou/ para as mesmas letras em qeou/ omitindo o que estava

posto no meio da frase, deixando assim de lado a expressão filho de Deus. Isso teria

ocorrido pela semelhança entre as abreviaturas dos nomina sacra (nomes sagrados:

VIhsou/ Cristou/ uiou/ e geou/).6

A principal dificuldade em se aceitar essa explicação reside no fato da incerteza

de uma modificação textual não intencional acabar persistindo tão de maneira tão

acentuada em praticamente todo o processo de transmissão textual do Novo Testamento

grego.

Outros estudiosos vêem a possibilidade de todo o versículo 1 do capítulo I do

⁵ **A** - *Alexandrino* (século V), *33* (século IX), *família 1* (séculos XII-XIV) e família *13* (séculos XI-XV). Cf. Na²⁷, 1993, p. 88. Essas famílias atestam o tipo de texto cesarense. A respeito delas, cf. BITTENCOURT, 1993, p. 91-92, METZGER, 1992, p. 61-62, PAROSCHI, 1999, p. 54.

⁶ Cf. GUNDRY, 1993, p. 33, MANN, 1986, p.105-106. Sobre *parablepse*, maiores explicações podem ser encontradas em BITTENCOURT, 1993, p. 112, METZGER, 1992, p. 189, PAROSCHI, 1999, p. 94.

Evangelho de Marcos consistir no título do livro, podendo a expressão em questão (uiou/

qeou) advir de um alongamento elaborado por algum escriba.

Não se concorda com tal explanação por parecer improvável que o Evangelho

inicie com citações do Antigo Testamento (cf. 1,2.3), sem trazer uma palavra

introdutória. Ademais, pode-se ainda inquirir se o escriba não seria mais propenso à

omissão por amor da estética frasal, já que não ficaria bem a sucessiva repetição dos

finais semelhantes das palavras em 1,1.

Existe ainda um outro grupo de estudiosos que aceita a possibilidade da

mudança textual ter sido feita por escribas preocupados com o adocionismo

(ensinamento que distinguia em Cristo uma natureza divina de outra humana,

afirmando que o homem Jesus de Nazaré era filho de Deus apenas por adoção).⁸ Tais

copistas, no afã de salvaguardar a doutrina ortodoxa da filiação de Cristo, teriam

acrescentado as palavras uiou/ (tou/ qeou/ antes mesmo das menções feitas ao seu

batismo e ao seu precursor, João (o Batista).

Não fora o testemunho da esmagadora maioria dos documentos em prol do

epíteto em discussão, essa elucidação poderia até ser levada em conta. Acredita-se gozar

de mais naturalidade a justificativa a seguir: escribas com tendências gnósticas teriam,

intencionalmente, omitido a alcunha filho de Deus nos manuscritos a*, Q (theta) e 28.9

A bem da verdade, nota-se que, excetuando-se os documentos já assinalados,

toda a tradição manuscrita do Novo Testamento grego confirma a inclusão dos termos

(uiou/ (tou/ qeou/ filho de Deus) no início dos escritos de Marcos. De fato, no seu

Evangelho, ele põe em evidência a vida e a obra do Servo Sofredor, o filho de Deus par

excellence. A revelação desse título desponta nos seguintes momentos do ministério de

⁷ Cf. METZGER, 1971, p. 73. Quanto à autenticidade de Marcos 1.1, cf. GUTHRIE, 1970, p. 79-80, MAUERHOFER, 1995, p. 97-110.

⁹ Cf. BURGON, 1896, p. 286.

Cf. EHRMAN, 1993, p. 75.

Jesus: por ocasião do seu batismo (1,11), quando da sua transfiguração (9,7), na confissão dos demônios (1,23.24; 3,11.12; 5,7), no interrogatório do sumo sacerdote

(14,61.62) e na declaração do centurião romano (15,38.39).

No Antigo Testamento, esse epíteto é aplicado aos anjos (Gênesis 6,2; Jó 1,6;

38,7), a Israel (Êxodo 4,22; Oséias 11,1) e ao rei (II Samuel 7,14; Salmo 2,7; 89,26).

Nenhum desses exemplos, contudo, elucida o título usado por Marcos. Ao que parece, o

evangelista teve que "ampliar o conceito" do filho de Deus como Messias, atribuindo-

lhe um significado totalmente novo. O filho de Deus, em Marcos, é um ser divino cuja

dynamis / poder se manifesta em suas palavras e em sua vida. A própria humanidade de

Jesus, no retrato de Marcos, só pode ser compreendida se, nele, o "varão de dores", for

contemplado também um ser de origem e dignidade sobrenatural. Esse discípulo

acredita que Jesus é filho de Deus por natureza – a própria voz divina, no batismo,

declara-o como tal. O evangelista não apresenta um dogma sentencioso sobre a

encarnação, porém, segundo parece, está convencido de que Jesus é o *Deus revelatus*

(Deus revelado). Essa idéia não abaliza o docetismo, pois a humanidade de Cristo é

apresentada como real (cf. 1,43; 3,5; 10,14; 13,32; 14,33). A visão de Marcos se

expressa através desta confissão: por detrás de uma vida plenamente humana, esconde-

se a divindade, e tal divindade é perceptível na personalidade, ensinamento e obras de

Jesus somente para aqueles que têm olhos para ver. 10

Entende-se assim que tanto o testemunho dos manuscritos gregos (evidência

externa) como a cristologia de Marcos (evidência interna) incitam à inserção de uiou/

(tou) qeou/filho de Deus no final do 1º versículo do capítulo I.

Deve-se ainda salientar que a maior parte dos peritos pertencentes ao campo da

Baixa Critica também chegou à mesma conclusão, eximindo-se, inclusive, de seguir a

_

¹⁰ O forte tom cristológico do Segundo Evangelho é concisa e coerentemente explicado por GUNDRY, 1993, p. 33-34, HENDRIKSEN, 1975, p. 32-34, LANE, 1979, p. 41.

orientação dos cânones normalmente empregados na avaliação da autenticidade de um trecho neotestamentário: difficilior lectio potior (a leitura mais difícil deve ser a preferida) e brevior lectio potior (a leitura mais curta deve ser a preferida). Citam-se, a título de exemplo, Zane C. Hodges e Arthur Farstad. Os eruditos Eberhard e Erwin Nestle, bem como Barbara e Kurt Aland, ainda que com certo grau de dúvida, também não deixaram de acrescentar, ao seu Novum Testamentum Graece, a expressão uiou/ (tou) qeou/ filho de Deus. Dessa forma também procederam os editores do Novo

Para finalizar, da perspectiva do que hoje se chama de *crítica genética*, convém lembrar que, de uma forma ou de outra, a variante mostrada por cada manuscrito não deixa de constituir uma lição única, atestando diversos estágios presentes nas mãos de sucessivas comunidades cristãs. E isso não constitui uma exceção no que diz respeito às leituras que compõem a abertura do Evangelho segundo Marcos.

Testamento grego publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas. 13

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, K. et al. (Hg.). Novum Testamentum Graece. 27. Aufl. Stuttgart: Deutshe Bibelgesellschaft, 1993. (Nestle-Aland²⁷)

ALAND, B. et al. (Eds.). The Greek New Testament. 4. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. (UBS⁴)

BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1993.

BURGON, J. W. *The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established.* London: George Bell and Sons, 1896.

EHRMAN, B. D. *The Orthodox Corruption of Scripture - The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament.* New York: Oxford University Press, 1996.

_

¹¹ Cf. Hf, 1985, p. 104.

¹² Cf. Na²⁷, 1993, p. 88.

¹³ Cf. UBS⁴, 1994, p. 117

- GUNDRY, R. H. *Mark A Commentary on his Apology for the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- GUTHRIE, D. *New Testament Introduction*. 3. ed. Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1970.
- HENDRIKSEN, W. New Testament Commentary An Exposition of the Gospel According to Mark. Grand Rapids: Baker Book House, 1975.
- HODGES, Z. C., FARSTAD, A. L. (Eds.). *The Greek New Testament According to the Majority Text.* 2. ed. Nashville: Thomas Nelson, 1985. (**Hf**.)
- LANE, W. L. The Gospel According to Mark. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.
- MANN, C. S. *Mark A New Translation and Commentary*. New York: Doubleday, 1986.
- MAUERHOFER, E. Einleitung in die Schriften des Neuen Testaments. B. I (Matthäus-Apostelgeschichte). Stuttgart: Hänssler, 1995.
- METZGER, B. M. A Textual Commentary on the Greek New Testament. 2. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1971.
- _____. The Text of the New Testament Its Transmission, Corruption, and Restoration. 3. ed. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.
- PAROSCHI, W. Critica textual do Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- WESTCOTT, B. F., HORT, F. J. A. Introduction to the New Testament in the Original Greek. Peabody: Hendrickson, 1882. (WH)